

## JUVENTUDES, TERRITÓRIOS DE (RE)EXISTÊNCIAS E CUIDADOS EM SAÚDE

**Introdução:** O território expressa atravessamentos relacionados aos aspectos e as expressões da contemporaneidade. Nós também informamos, através da nossa presença, do nosso corpo, o território de onde viemos, ocupamos e/ou fazemos parte. Nos trabalhos de pesquisas acadêmicas, é comum que os temas dos estudos que envolvem a periferia seja a violência que presente nestes territórios, assim como as mídias sociais também a noticiam regularmente, estigmatizando não só a periferia, mas quem a ocupa e, em especial, a juventude periférica. Isso restringe o olhar para a juventude pela ótica dos problemas sociais que afligem a sociedade. A construção de políticas públicas em saúde precisa considerar a pluralidade das juventudes, suas singularidades e demandas. Portanto, (re)conhecer as diferentes dimensões em debate e as tensões que permeiam ideias em torno das juventudes. Persiste o desafio de se construir uma agenda pública voltada à juventude de maneira reflexiva às expressões e significados dessa existência no tempo presente. Não como uma existência delimitada em si mesmo, mas em constante processo de elaboração e produção intersubjetiva e marcada em um determinado tempo-espço. **Objetivo:** Frente a este desafio, este projeto de pesquisa se propõe a compreender como as narrativas de jovens periféricos expressam conexões entre saúde e seus territórios. **Método:** Para tanto, temos nos apoiado no método bola de neve para contactar e entrevistar jovens de territórios periféricos e vinculados a coletivos negros. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFF (CEP-Humanas) - Protocolo 75290423.1.0000.5243. **Resultados:** A juventude brasileira reflete efeitos dos processos sócio-históricos de colonização, os quais têm rebatimentos nas condições objetivas de vida, como também, na subjetividade. Ou seja, falar em juventudes implica abordagens cuidadosas das relações étnico-raciais que também traduzem o ser jovem, pois trata-se de uma juventude racializada. Existir enquanto um(a) jovem negro implica em lidar com uma opressão específica e restrita a quem não é branco: o racismo. Essa vivência implica em lidar com limitações perante à vida e a tudo que compõe o modelo de sociedade em que estamos inseridos. As periferias e favelas das grandes cidades, incluindo as do Rio de Janeiro, é composta, em grande parte, por pessoas negras, por jovens negros. A implementação da pesquisa tem implicado desafios importantes, exigindo delicadeza e respeito ao adentrar os territórios, e atenção e cuidado ao entrevistar esses jovens, sob o risco de fazê-los não confiar em mim para abrirem suas histórias. **Considerações Finais:** A pesquisa vem mostrando que é possível encontrar saúde em lugares diversos e distintos, e não apenas em instituições que ofertam saúde no âmbito biomédico (ressaltando serem essenciais para nossa existência) e,

pensando nas juventudes negras, de território periférico, uma maneira de se sentirem cuidados é a partir de coletivos e coletividade, onde suas existências são validadas e reconhecidas.